



## Capítulo I

### COMEÇARAM AS PERIPÉCIAS

Era na verdade do mais extraordinário.

Ali estava Filipe Mannering estendido ao comprido debaixo de uma árvore, esforçando-se por resolver os problemas de álgebra e, não obstante não ver ninguém nas proximidades, ouviu distintamente uma voz que se lhe dirigia.

«Não sabes fechar a porta, idiota?», dizia a voz no mais impaciente dos tons. «É quantas vezes é preciso dizer-te que limpes os pés?»

Filipe sentou-se e, endireitando-se, estendeu a cabeça para olhar bem à sua volta pela terceira vez, mas a encosta estendia-se a perder de vista de ambos os lados, inteiramente destituída de qualquer presença, fosse ela homem, mulher, rapariga ou rapaz.

«É perfeitamente estúpido», dizia Filipe para consigo. «Não há aqui porta para fechar nem capacho onde limpar os pés.

Quem quer que está a falar deve ser doido varrido. Em todo o caso, isto não me agrada. Uma voz misteriosa, sem corpo, impressiona qualquer pessoa.»

Um focinhito cor de chocolate surgiu da gola da camisola de Filipe. Pertencia a um ratinho castanho, um dos muitos animais seus predilectos. Com uma das mãos, começou a coçar-lhe a cabeça, o que fazia o animalzinho franzir o nariz de satisfação.

«Fecha a porta, palerma», gritou a voz. «E nada de fungar. Onde meteste o lenço?»

Aquilo começava a passar as marcas e Filipe gritou por sua vez: «Cala-te aí! Ninguém está a fungar. Mas, vamos a saber, quem és tu?»

Nada de resposta. Filipe sentia-se intrigado. Era deveras estranho e singular. Donde viria, naquela manhã luminosa, tão insólita voz a dar ordens impertinentes naquela soalheira mas solitária encosta? E voltou a berrar:

«Estou a trabalhar. Se queres conversa salta cá para fora para eu te ver.»

«Está bem, tiozinho», respondeu a voz num tom inesperadamente suave, como que a pedir desculpa.

«Diabo!» exclamou Filipe. «Eu não suporto isto. Tenho de decifrar o mistério. Se conseguir saber donde vem a voz, talvez descubra o possuidor da mesma.» Berrou novamente: «Onde estás tu? Vamos, aparece para eu ver quem és.»

«Lembra-te de uma vez para sempre que já te disse vinte vezes que é feio assobiar», respondeu a voz, com intimativa. Filipe estava mudo de espanto. Ele não estivera a assobiar, era pois mais que evidente que o dono da voz devia ser completamente louco. Filipe teve de repente a impressão de que lhe desagradaria travar conhecimento com tão estranha personagem. Seria preferível voltar para casa sem a avistar.

Olhou cuidadosamente à sua volta. Não fazia ideia donde viria a voz mas estava talvez inclinado a pensar que era de qualquer ponto à sua esquerda. Pois bem, desceria sossegadamente

a colina pela direita, abrigando-se sempre que pudesse com as árvores para que elas o escondessem um pouco.

Apanhou os livros do chão, meteu o lápis na algibeira e pôs-se de pé com cautela. Não coube, porém, em si de espanto quando ouviu estrepitosas gargalhadas.

Esquecendo-se de que tinha resolvido ser cauteloso disparou em correria pela encosta abaixo à procura de abrigo no meio do arvoredo. O riso parou instantaneamente.

Filipe permaneceu debaixo duma grande árvore, à escuta, com o coração a bater descompassadamente. Como gostaria de encontrar-se em casa, junto dos outros! E ali, mesmo por cima da sua cabeça, a voz falou outra vez.

«Quantas vezes já te disse que limpasses os pés?»

Nesse momento soou o mais incrível dos guinchos, o que fez com que o pobre rapaz, transido de terror, deixasse cair os livros, e ao olhar para o cimo da árvore mais próxima viu uma linda catatua cinzenta e vermelha com uma grande poupa que o pássaro sacudia para cima e para baixo. Contemplou Filipe com os olhos pretos brilhantes, a cabeça inclinada sobre o lado e fazendo com o bico um barulho bastante dissonante.

Filipe pôs-se a contemplar o pássaro, que lhe devolveu o olhar. Depois levantou uma pata provida de garra com a qual começou a coçar a cabeça muito pacientemente, continuando a baixar e a levantar a poupa. A seguir falou:

«Nada de fungar», declarou em tom ameno. «Não sabes ter maneiras? Fecha a porta, idiota.»

«Diabo», observou Filipe, atónito. «Eras então tu que falavas, rias e gritavas! Sempre me pregaste um valente susto!»

A catatua deu o mais bem imitado dos espirros.

«Onde está o teu lenço?»

Filipe riu-se.

«Tu és realmente um pássaro espantoso», disse ele. «O mais inteligente que jamais vi. Donde é que te escapaste?»

«Limpa os pés», respondeu a catatua com severidade, e Filipe continuou a rir. Ouviu-se nesta altura uma voz de rapaz que gritava, lá no fundo da colina.

«*Didi, Didi, Didi*, onde estás tu?»

A catatua abriu as asas, e com um guincho estridente desapareceu num voo na direcção de uma casa existente no sopé da colina. Filipe seguiu com o olhar o rumo que a ave tomara.

«Foi um rapaz que a chamou do jardim da Casa da Colina, a casa onde eu estou», pensou. «Teria vindo também para receber explicações? Gostaria bem que assim fosse. Seria divertido ter uma ave daquelas em casa. É bem triste ter de estudar nas férias e uma ave palradora alegraria certamente um pouco o ambiente.»

Filipe fora atacado pela escarlatina no período anterior e por sarampo logo a seguir e, por isso, havia grandes falhas no seu aproveitamento escolar. O director da escola tinha escrito aos tios de Filipe, aconselhando-os a que o mandassem passar algumas semanas a casa de um dos professores para recuperar o tempo perdido. Com grande desgosto de Filipe, o tio concordara imediatamente — e lá estava ele a ter de estudar Álgebra, Geografia e História durante as férias grandes, em vez de estar a divertir-se com a sua irmã Dina na sua Casa do Penhasco, perto do mar.

Ele gostava do Sr. Roy, o professor, mas aborreciam-no os dois outros alunos que, também, devido a terem estado doentes, estavam como ele a recapitular as lições. Um deles era muito mais velho do que Filipe e o outro um pobre e queixoso ente, incessantemente apavorado com todos os insectos e bichinhos que Filipe apanhava e trazia consigo invariavelmente. O rapaz dedicava grande amizade a todos os animais e tinha uma habilidade muito especial para lidar com eles e para lhes inspirar confiança.

Descia agora, apressado, a colina, ansioso por saber se um outro aluno viera juntar-se ao grupo de explicandos de férias. Se era o dono da catatua, devia ser alguém com interesse, mais interessante, pelo menos, do que o lorpa do Samuel e mais divertido do que o pobre piegas Olivério.

Ao abrir a cancela do jardim estacou, de olhos muito abertos. Na sua frente estava uma rapariguinha dos seus onze anos. Tinha cabelo ruivo encaracolado e olhos verdes e uma imensida-

de de sardas manchava-lhe a pele, muito clara. Fitou em Filipe uns olhos admirados.

— Viva — disse, favoravelmente impressionado com a aparência da rapariga, que vestia calções curtos e uma camisola de malha. — Estás por cá?

— Parece-me bem que sim — respondeu a rapariga a sorrir. — Mas não vim para estudar, vim só para fazer companhia ao João.

— Quem é o João? — perguntou Filipe.

— É meu irmão — respondeu a rapariga. — Ele tem de estudar. Gostava que visses as notas dele no período passado. Foi o pior em tudo. Ele é realmente esperto, simplesmente não quer ralar-se. Diz que há-de ser ornitólogo e que não vale a pena aprender datas, nem cabos, nem poemas, nem coisas desse género.

— Que vem a ser um... um... esse nome esquisito que disses-te? — perguntou Filipe, enquanto pensava consigo como seria possível alguém ter tal quantidade de sardas na cara como aquela pequena.

— Ornitólogo? É uma pessoa que gosta muito de aves e se dedica ao seu estudo — respondeu a rapariga. — Não sabias isso? O João é doido por pássaros.

— Sendo assim, ele devia gostar de viver no sítio onde moro — retorquiu Filipe imediatamente. — Eu vivo num lugar solitário e muito selvagem da costa, onde há montes de aves marinhas. Eu também gosto muito de pássaros, mas não sei grande coisa acerca deles. Ouve cá, aquela catatua pertence ao João?

— Sim — afirmou a rapariga. — Já a tem há quatro anos. Chama-se *Didi*.

— Foi ele quem a ensinou a dizer tanta coisa? — inquiriu Filipe, pensando que, ainda que João tivesse sido classificado como o último da aula, conseguiria com certeza as notas mais altas a ensinar catatuas a falar.

— Isso sim — disse a rapariguinha, sorrindo ao mesmo tempo que franzia e piscava os olhos. — A *Didi* aprendeu sozinha todos